

"Essa preocupação com o "espírito burgueses", aliás, sempre representou um papel capital na própria evolução do meu pensamento".

AAL, Memórias improvisadas, Rio, 1973, p. 208.

"Nem o medo, nem a temeridade, mas a esperança. A tímida, a indestrutível esperança".

"O intelectual que se isola é mais nocivo à sociedade do que o operário individualista".

AAL, O problema do trabalho, Rio, 1947, pp. 14 e 81.

1. Em diversas oportunidades, em vários escritos, declarou Alceu que o ano de 1928 foi o momento definitivo e último do seu adeus à disponibilidade, título de um livro seu aparecido logo no ano seguinte, em 1929. Sob a influência mediata de grandes escritores católicos do século, mas, principalmente, sob o influxo direto e imediato de Jackson de Figueiredo e Leonel Franca - perante o qual confessou<sup>-se</sup> e comungou, "pela primeira vez depois de adulto, a 15 de agosto de 1928", - converte-se à fé católica, entregando-se de corpo e alma à missão de catolizar a sociedade brasileira. Com a morte do primeiro, sucede<sup>lhe</sup> e o substitui na direção da revista A Ordem e do Centro D. Vital, por ele fundados, respectivamente, em 1921 e 1922. A data é bem significativa, pois já se prenunciava a crise econômica de 1929, vindo o país de viver uma década das mais agitadas, com os movimentos armados de 1922 e 24, refletindo-se nestas bandas as novas filosofias sociais que haviam assumido o poder na Rússia e na Itália. A década, entre nós, transcorrera até então, na sua maior parte, sob estado de sítio, de sufocação das liberdades públicas e sobretudo das reivindicações dos trabalhadores, que, pouco a pouco, vinham arrancando, como concessões forçadas, certas leis trabalhistas do governo, aparentemente liberal e democrata.

Com a abertura da sucessão presidencial, com as campanhas nas ruas, manifestavam-se todas as ideologias do imenso leque de reforma social. Confessa Alceu que, como seu chefe espiritual (Jackson), fora contra os movimentos de 22, de 24 e também de 30, não que morresse de amores

pelo falso liberalismo democrático da República que se ia extinguindo, mas sim porque, à época, defendia a filosofia da ordem e tinha receio que o liberalismo levasse ao socialismo e este ao comunismo, negadores de Deus e contrários ao livre exercício do culto que passara ardentemente a professar. A partir da sua conversão, como cristão-novo, entrega-se à pregação da nova fé, convencido <sup>de</sup> que o caminho a seguir seria o da direita, com a instituição de um Estado autoritário - embora submetido ao cristianismo e aos ditames da religião católica, - que impedisse a anarquia e o desaparecimento definitivo da burguesia, mas era preciso que esta se espiritualizasse, que abandonasse a sua filosofia de vida, com vícios, todos os seus ~~vícios~~ e aceitasse os ensinamentos da doutrina da Igreja.

A produção literária e estética de Alceu como que cessa <sup>assuntos</sup> a partir da sua conversão, voltando-se ele, então, para os ~~temas~~ políticos, sociais e econômicos, como temas ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ e conteúdos da reforma religiosa, a mais importante e fundamental de todas. Esclarece e confessa o próprio Alceu: "A partir daí caminhei numa outra direção, passando do liberalismo anterior para uma posição ortodoxamente autoritária, baseada no sentimento da disciplina e da ordem". <sup>(1)</sup> Vai ser nesse período, que durará pelo menos dez anos, até 1938, que virão à luz as <sup>primeiras</sup> obras de Alceu de cunho sociológico, econômico <sup>e</sup> de filosofia social. ~~XXXXXXXXXXXX~~ Preparara-se ele para três concursos: de professor de Sociologia, de Economia Política e de Introdução à Ciência do Direito, o primeiro para o Instituto de Educação e os dois últimos para a Faculdade de Direito, da Universidade do Rio de Janeiro. Os estudos feitos e os escritos publicados levavam, como não podia deixar de ser, a marca da sua fé e das idéias que então o dominavam. Agora - é curioso, - embora ~~colocando~~ <sup>colocando</sup> a direita, admitindo o catolicismo como ideologia de direita, de conservação da ordem, Alceu não ficara cego para a realidade social do seu tempo. Via a miséria, enxergava a desigualdade entre as classes, apontava os vícios da classe dominante. Quanto ao diagnóstico, mesmo àquela época, não havia grande diferença entre o seu e

o dos socialistas de qualquer matiz, a terapêutica é que era outra inteiramente diversa. Contra a luta de classes, pregava a sua coordenação através do Estado corporativo, como o faziam os adeptos de uma reforma do regime liberal dos anos vinte e trinta.

2. De Jackson de Figueiredo, diz Alceu que "era um conservador, um tradicionalista, um antiliberal, mas ao mesmo tempo um nacionalista jacobino e um feroz antiplutocrata". Basta recordar que apoiou o verdadeiro estado de sítio, ~~xxxxxxx~~ <sup>for</sup>arbitrio de Bernardes, desempenhando até funções de censor. Manteve toda a vida o culto da intolerância, "para que o Brasil não se transformasse em casa de tolerância". Andava armado de revólver, e perguntado para que, respondeu: para defender a Igreja. (2)

Com ele manteve Alceu uma longa e extensa correspondência, 1920 e se que se iniciou no ano de ~~xxxxx~~ intensificou nos dois últimos <sup>vida</sup> ~~da~~ <sup>de Jackson.</sup> ~~vida.~~ Nessas cartas, mais do que em quaisquer outras, para outros destinatários, há toda uma catequese religiosa de par com uma pregação política. Nada de ~~xxxxxxxx~~ nem de contemplação mística, Jackson pregava a ação, o apostolado, a fim de que, se não fosse possível impor o seu modelo político, pelo menos se impedisse a mudança da sociedade do seu tempo, com a vitória do democratismo ou do socialismo. Daí o conservadorismo; daí o seu tradicionalismo. Escrevia a Alceu, a 3 de outubro de 1928, pouco antes de sua morte trágica: "O que o Brasil será ninguém sabe e é bem possível que ele não será, dentro em pouco, se não o nome de uma coisa absolutamente diversa. Ora, eu, se pudesse conservar intactos os princípios morais que informam a minha doutrinação política, usaria do fogo e do ferro para conservar o que aí está, talvez sem razão".

(Barreto Filho, ~~em nota:~~ em nota:)

A este trecho, esclarece ~~em nota:~~ <sup>em nota:</sup> "O Brasil, como a Rússia, não suportaria uma ~~xxxxxx~~ para outra forma social e política, e a sua alteração interna se manifestaria por ocasião de qualquer mudança que pudesse sobrevir. Toda a sua atividade foi orientada por esse princípio, e se explica, dessa forma, o seu caráter reacionário e anti-revolu-



confessava "o último dos discípulos", nos séculos XVIII e XIX, "foram então eliminados da vida pública os últimos vestígios profundos de cristianismo e a classe burguesa elaborou para si toda uma filosofia da existência, moldada sobre a necessidade de justificar o seu <sup>p</sup>pródmino social e técnico". Mas assiste-se hoje à decadência desse otimismo burguês, com a ascensão do pessimismo proletário, "no qual são destruídas indistintamente, por uma materialização fanática da existência, não só as ilusões burguesas, o que seria até um bem, mas ainda, e isso é que é extremamente grave, as verdades cristãs. Estamos, portanto, em face de uma transição dramática da história". (5/)

O perigo estava justamente em jogar fora a criança com a água do banho: como desfazer-se dessa burguesia decadente, sibarita, gozadora, descuidada, presa aos bens materiais da existência, sem que, com ela, se perdessem também os dogmas e os princípios do cristianismo? As soluções indicadas, notadamente socialistas e comunistas, eram ainda piores, com total destruição da Igreja, ou, pelo menos, com a sua perseguição. Levado por esse seu espírito antiburguês, antiplutocrata, não esconde Alceu a grande simpatia que nutriu pelo integralismo, tal a sua ojeriza à ideologia burguesa de vida. Mas, na verdade, a terapêutica aconselhável não consistia em destruir a classe burguesa, mas em lhe dar novos ideais de vida, cristianizando-a, <sup>(5/)</sup> ~~xxxxxx~~ tornando-a mais espiritual, com abandono dos princípios da fase otimista, que a conduziram ao impasse em <sup>que</sup> se encontrava.

Nessa encruzilhada, quatro caminhos se abriam diante do Ocidente: o caminho liberal, até então trilhado pela burguesia, cada vez mais estreito; o nacional-totalitário, intermediário entre o ~~xxxxxx~~ <sup>catolicismo</sup> e o ~~socialismo~~ <sup>comunismo</sup> representado politicamente pela "Action Française", em França, pelo "Fascismo", na Itália, e pelo "Nacional-Socialismo" (Hitler) na Alemanha; o socialista, à esquerda, com a sua transformação inevitável para o comunismo materialista; ~~o~~ finalmente à direita, o caminho espiritu-

alista, especialmente cristão, que, com o auxílio da graça, culminaria na doutrina integral da Igreja Católica.

Como já o fizera com o espírito burguês (concepção liberal), traça, então, Alceu os sinais característicos dessas vias, respectivamente, em religião, em filosofia, em arte, em política e em economia: agnosticismo, subjetivismo, arte pela arte, oligarquismo <sup>a</sup> utilista e individualismo liberal (concepção liberal); a do povo, idealismo neohegeliano, arte pela nação, Estado totalitário, capitalismo corporativo (concepção nacional); ateísmo, materialismo, arte pela classe, democracia socialista, coletivismo (concepção social); revelação divina, realismo integral, arte pelo todo, grupalismo hierárquico, solidarismo ético (~~concepção~~ <sup>con-</sup>cepção espiritual). A opção já está feita: a burguesia será católica, segundo a concepção de vida espiritualista, ou não será. A decadência da burguesia é um fato, diz Alceu. "E aqui se coloca, com toda a sua perplexidade trágica, o problema da salvação da burguesia. Vimos que essa salvação será um bem, pois o justo pluralismo de classes é natural à sociedade, e qualquer monismo ou despotismo só pode ser efêmero porque artificial". <sup>(6)</sup> Mas a salvação da burguesia depende da vitória contra quatro crises sucessivas: a crise filosófico-religiosa, a crise política, a crise econômica e a crise biológica. Por isso mesmo ainda há salvação para a burguesia, que precisa se recristianizar, voltar à religião verdadeira. Este o primeiro passo para a sua salvação, "pois a classe decaiu por ter traído ao Espírito, por ter negado a Verdade". O segundo passo é o abandono do "atomismo democrático", com a reassociação dos três poderes básicos da sociedade: o político, o econômico e o espiritual. O terceiro diz respeito à volta da humanização da produção e do seu consumo. Finalmente, o quarto passo, de ordem biológica, refere-se à prática maltusianista de restrição da natalidade, que precisa e deve ser abandonada. Assim, em verdade, a salvação ~~x~~ da burguesia não está nas mãos dos técnicos, dos sociólogos, dos economistas ou dos políticos: "A salvação da burguesia está,

antes de tudo, na mão dos santos".

4. A correspondência entre Alceu e Jackson é bem esclarecedora do confronto e das divergências político-sociais que ocorriam entre ambos. Não constam do volume as cartas do primeiro, mas pelas respostas e pela argumentação do segundo, bem se pode concluir sobre as idéias que se defrontavam. A margem de concordância, sem dúvida, é bem maior do que a de discordância, mas o suficiente para mostrar que uma e outra não se superpunham sem deixar resto. Inicialmente, havia uma profunda diferença de temperamentos: enquanto Jackson era um homem de polêmica, de guerra sem quartel, não raro violento e agressivo, Alceu, pelo contrário, era um homem de temperamento suave, alheio à polêmica e ao ataque virulento. As formas de vida de ambos representavam o próprio contraste, praticamente irreduzível. Em carta de 22 de julho de 1927, dizia Jackson: "Quanto ao que entendemos por autoridade, também estamos de pleníssimo acordo. Aceito todas as restrições, todas as "garantias" teóricas, que V. pede. Autoridade não é força bruta em ação, mesmo quando aparentemente organizada."

Na mesma carta De Maistre vem citado mais de uma vez, dela consta também um elogio a Mussolini, lendo-se mais adiante esta confissão frontal de seu plano de ação, que muito devia assustar o sereno Alceu: "A indução é a prática. Mas para levar-se, seja o que for, à prática é preciso primeiro a afirmação vinda do alto, e até digo melhor: a afirmação dogmática, contundente, maltratante, ainda mais agressiva que persuasiva ou demonstrativa". (8)

Alceu, homem bem posto na vida, com todos os confortos, que diletante (como ele próprio confessa), vinha de uma concepção liberal e pluralista da sociedade, com predomínio da liberdade sobre a autoridade, acabara por ser convencido da necessidade de troca de sinais entre esses dois extremos direcionais. Passara a admitir o primado da ordem, da hierarquia, da disciplina e da organização, primado esse dogmático e hierá-

Contudo, é bom frisar <sup>que</sup> neste livro, Problema da burguesia, de 1932, diretamente sob o influxo de Jackson - e na linha deste quanto à crítica econômica da sociedade burguesa, - não deixa Alceu de se colocar, em mais de uma passagem, ao lado do proletariado, contra a injustiça social. O seu diagnóstico, mesmo àquele tempo, não se distinguia muito do de Karl Marx. Escreve em certo passo: "A introdução da máquina, que ia representar o triunfo da burguesia e do capitalismo, provocou portanto uma forte crise econômica, a primeira de todo esse sistema de crises que tem sido, como muito bem o via e o previu Karl Marx, a própria história do capitalismo individualista". Em outro local: "Devemos, primeiro, indagar se são realmente efetivos os sinais de decadência da burguesia. A mim parecem indubitáveis". Ainda mais: "A democracia liberal, portanto, converteu-se praticamente em um processo de oligarquia, quer política, quer financeira".

A crítica ao liberalismo econômico em nada se distancia da de Marx. Antimaltusiano: "Nossa posição é portanto o contrário do que previa Malthus. Estamos em face de uma crise por excesso de produção e deficiência de consumo". E mais claro: "Defato, qual é a causa mais geral da crise econômica que hoje em dia assoberba o mundo todo? Não sei se terá audácia demais tentar resumi-la numa frase. Mas creio que se poderia sintetisar assim: o homem, hoje em dia, produz como uma máquina e consome como um homem. Isto é, produz sem limite e consome limitadamente. É a máquina que produz, mas o homem que consome. De modo que o resultado espantoso a que se chegou é o de uma humanidade que morre de miséria no meio de uma hipertrofia de riquezas"...! Para vencer esse desequilíbrio econômico funcional, que está corroendo as fibras mais íntimas do mundo moderno - o homem produzindo, ilimitadamente como máquina, e consumindo limitadamente como homem - todos os remédios econômicos e políticos racionais serão necessários e especialmente uma distribuição mais equitativa de ri-





internacional serão apenas a integração. E de outro lado, o restabelecimento de relações íntimas entre o Estado e a Igreja. A separação entre a Igreja e o Estado é um desses dogmas políticos do liberalismo que mais concorreram para a decadência da sociedade burguesa. E será por isso mesmo um dos primeiros erros a corrigir, se a burguesia demonstrar desejo real de continuar a viver". (10)

Pela mão dos santos, pela Igreja, a burguesia poderia ser salva, esteso prognóstico e a terapêutica de Alceu, mas quanto ao diagnóstico da sociedade burguesa não se distinguia ele da crítica socialista. Em obra anterior, mas da mesma época, escrevia Alceu que "não via no socialismo uma aurora para a humanidade", pelo seu ateísmo e pelo seu materialismo econômico. "A doutrina cristã da propriedade se opõe tanto à inexistência desse direito, como à sua concepção absoluta. A propriedade é uma consequência espontânea da natureza humana tal como a conhecemos, e deve portanto ser defendida. A propriedade absoluta, porém, é um abuso desse direito natural e deve, portanto, ser condenada".

Em capítulo posterior, no entanto, <sup>quanto à parte crítica</sup> ~~XXXXXXXXXXXX~~ do socialismo, escreve Alceu: "Dissemos que o proletariado é um fenômeno típico do capitalismo. Realmente foi essa uma das observações verdadeiras da crítica genial de Marx ao Capital, em sua monstruosa absorção moderna de todas as atividades vitais."...."Toda essa crítica de Marx ao capitalismo, filho do liberalismo econômico, tal como ela <sup>e</sup> conheceu no seu tempo é de uma lógica impressionante"...."O erro de Marx não está na sua crítica ao capitalismo e sim na sua aceitação do capitalismo como um estágio da evolução natural e necessária da humanidade". (11)

Ainda em outro livro, sempre do mesmo período, refere-se a Marx como "um adversário genial", que soube fazer um pouco de justiça à organização econômica da Idade Média. A desumanização da economia surgiu com o capitalismo, que "ia provocar uma segunda deslocação desastrosa no campo da sociologia econômica - o predomínio do capital sobre o

trabalho"...."O capitalismo aboliu praticamente a propriedade, pois o que a nossa própria sociedade brasileira nos mostra, sendo embora uma sociedade de capitalismo empírico, é o espetáculo de maiorias absolutas de não-proprietários em face de uma minoria insignificante de proprietários. Para um regime que se alicerça doutrinariamente na propriedade, como pretende fundar-se o capitalismo, não pode haver melhor confissão do seu completo fracasso". (12)

É curioso registrar que, quando do concurso para catedrático de Economia Política na Faculdade de Direito, da Universidade do Rio de Janeiro, no qual se defrontaram, em 1932, Alceu e Leônidas de Rezende, colegas de turma - diplomados ambos em 20 de dezembro de 1913, sendo o segundo o orador e Sílvio Romero o paraninfo, - Leônidas apresentou uma volumosa tese de 540 páginas, formato grande, inteiramente marxista. Coloca como epígrafe pequenos textos de Carlos Porto Carreiro, João Mangabeira e Tristão de Ataíde contra o capitalismo. No corpo do livro, procura mostrar que a escola católica - leia-se Alceu Amoroso Lima - não contraria os ensinamentos nem as prédicas do marxismo. Em sua dissertação, ~~esforçou-se~~ <sup>for</sup> Leônidas construir todo um edifício doutrinário ecumenista, digamos assim, de apoio e concordância com o seu marxismo, metendo no mesmo argumento ~~católicos~~, positivistas, evolucionistas (Spencer) e marxistas em geral. A nosso ver, deve ter havido desagrado dos dois lados das correntes postas em consenso: nem os marxistas eram ~~católicos~~ <sup>tão</sup> católicos, positivistas e spencerianos, <sup>assim,</sup> nem estes eram também tão marxistas. ~~o~~ <sup>o</sup> nem o eram sem dúvida. (13)

Já em 1927 havia Alceu feito uma conferência sobre distributismo, influenciado diretamente por Chesterton, que causou grande satisfação a Jackson. Em carta que lhe endereça, com data de 22 de julho de 1927, diz-lhe este: "V. me deu as melhores alegrias destes últimos tempos e sua conferência está entre elas. Mereceria um longo comentário, mas limite-se a dizer que V. poderá dar ao Brasil o que ele precisa".

escola de moderação, que nada tem de medianice espiritual, e antes é feita do que há de mais profundo em harmonia com o que há de mais agudo e sutil". <sup>(14)</sup> Alceu volta a tratar do tema no último capítulo do livro, Preparação à Sociologia, de 1931.

De certa maneira, são essas <sup>a</sup> constantes doutrinárias de Alceu ao longo de toda a sua vida, embora nestes últimos ~~xix~~ <sup>trinta</sup> anos se tornado mais socializante. Voltaremos ~~tenha~~ ~~xxxxxxxxxxxx~~ a isso mais tarde. Admite o distributismo que capitalismo e socialismo estão errados, por representarem dois extremos econômicos, embora materialistas ambos. A propriedade, os bens e os serviços devem ser disseminados ou prestados a todas as camadas da sociedade, e não somente a um pequeno número de privilegiados. E isso se obtém pela espiritualização da vida econômica, pela submissão da economia à moral e à religião. Esclarece Alceu: "O que a sociologia finalista e o que a doutrina social cristã verdadeira almejam e devem almejar, é reagir categoricamente contra esse espírito dominante de economismo, seja capitalista, seja comunista, que há três séculos corrompe a nossa civilização".... "E quanto aos fatores propriamente econômicos, o que distingue nitidamente a solução distributista, é que se funda na disseminação intensiva da pequena propriedade, quer industrial, quer agrícola e comercial. Tanto o capitalismo como o comunismo se fundam na concentração da propriedade. Naquela, a concentração em mãos da plutocracia; neste a concentração nas mãos do Estado proletário. O distributismo, ao contrário, baseia-se na disseminação da propriedade." <sup>(15)</sup>

A conferência ~~é~~ é longa, levando como epígrafe a frase de Drieu la Rochelle: "Le capitalisme et le communisme sont tous les deux hors de l'Esprit", que dá bem a medida dos seus propósitos. Alceu aventura-se ao tema, propondo soluções econômicas e sociais, porque não quer ser "o odioso homem que olha apenas". O distributismo parte do homem, diz Alceu, e, dentro dele, estuda os problemas <sup>a</sup> da liberdade, da propriedade, da iniciativa individual e da máquina. O propósito maior do

distributismo consiste em restabelecer a propriedade como função social, humano, limitada e justa, como expansão da personalidade, como núcleo econômico da família, como único fundamento sólido para a liberdade. Ou, nas próprias e claras palavras de Alceu: "E a finalidade exterior que a (a propriedade) justifica é justamente esse direito primordial (esse sim essencial e imanente ao homem) que o distributismo coloca na base de sua reforma econômica - a liberdade. O homem ~~XXXXXXXXXX~~ dono da sua casa, da sua terra, do seu gado, dos seus instrumentos de produção, dos seus livros ou dos seus aparelhos, de toda essa riqueza justa e produtiva que o cerca de perto, a fim de ser dono de si mesmo. O homem precisa da propriedade para a sua liberdade individual, para a estabilidade da sua família, para ser uma unidade consciente e eficaz na sociedade e não um simples soldado social, uma célula biológica, um elo de cadeia". (16)

em 1973,

Falando de seu conhecimento e da sua amizade com Augusto assim se refere Alceu a essa sua ~~obra~~, que acabou Frederico Schmidt, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ *teoria,*

*definitivamente:*  
por separá-los! Pouco a pouco Schmidt se encaminhou cada vez mais para a direita e eu para uma "esquerda católica", que ele não admitia. Ou, pelo menos, que não tomava em consideração. No terreno econômico se inclinou cada vez mais no sentido do "enriquecimento do Brasil, deixando-se para mais tarde a preocupação com uma melhor distribuição dessa riqueza". Eu, por minha parte, sustentava desde então a inseparabilidade e a simultaneidade da produção e da distribuição, isto é, do enriquecimento nacional na base da justiça distributiva. De modo que os produtores da prosperidade, ou seja, do que começava então a chamar-se "desenvolvimento", fossem também beneficiários da riqueza que ajudavam a criar. Ou antes: de que eram os principais produtores. Essa fonte de divergência econômica com suas <sup>9</sup>conseqüências políticas é que em parte nos afastava, embora sem nunca afetar a nossa cordialidade afetiva". (17)

5. Depois dessa objetiva exposição do pensamento econômico e social de Alceu nos anos 27 a 32, causa realmente estranheza a sua

ação prática, não a ação em si, que é uma decorrência necessária das suas idéias e do seu apostolado, mas a maneira como a ~~praxia~~ <sup>exerce.</sup> Aí se aproxima muito da intolerância de Jackson, desaparecendo ou diminuindo demasiado a sua livre disposição de compreender e mesmo justificar as idéias alheias. Torna-se polêmico o tom da sua pregação, cáustico e até agressivo. Colocado à frente do Centro D. Vital e, pouco mais tarde, da Liga Eleitoral Católica, assume a chefia incontestada de todo o movimento da Ação Católica e se sente responsável pelo seu êxito ou o seu fracasso.

Escreve uma série de artigos para o jornal paulista A Razão no segundo semestre de 1931, que reuniu em livro ~~uma~~ <sup>(18)</sup> aparecido no ano seguinte. Logo no primeiro, de saudação a São Paulo, defende-se da acusação que lhe fizera um repórter de ser burguês, estranhamente ocupado com a purificação social. Não se envergonha de ser burguês, diz, e por isso mesmo alerta a classe burguesa sobre o seu descaminho, pois há um marxismo latente no fundo da sua filosofia da vida. E é como cristão e como burguês que empreende a sua campanha de salvação dessa sociedade que vai desaparecendo, fruto dos seus próprios erros e desvios de toda ordem. No final de um artigo: "E folgaria ainda mais que a lição não fosse vã para aqueles que não querem ainda ver como os erros do conceito burguês da vida nos levam, inexoravelmente, às misérias do comunismo. O laicismo é o centro da filosofia da vida burguesa, com o ensino leigo e a subordinação do espírito à matéria, numa falsa hierarquia de nação crescente ~~axxxxixixi~~ valores."

Em artigo subsequente, cita trechos de cartas de Jackson, contra-revolucionária, pregando uma ação ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~, em 1922 e 1924, a favor da "ordem civil, que, boa ou má, é a que temos..." Para manter e fomentar esse espírito contra-revolucionário, é preciso refazer e substituir todo o arcabouço das concepções religiosas e filosóficas da sociedade brasileira, impedindo as manifestações de seus maiores venenos, como o espiritismo e a maçonaria, frutos da indisciplina religiosa. Tendo "o espiritismo como o materialismo do espírito", vai além e escreve: "O espiritismo, a teoso-

...o ocultismo, o catolicismo liberal, o modernismo protestante em sua multiplicação indefinida de seitas, tudo são manifestações patológicas do ecletismo que domina as épocas de anarquia e de decadência".

Outra bête noire, que precisa ser combatida, é a maçonaria. Deveu-se a opção de Jackson por Artur Bernardes, no início da campanha presidencial, por haver Nilo Peçanha se declarado maçom. E não se enganara, pois a maçonaria é anticatólica, e ainda agora (1931), "quem está orientando aqui no Brasil a campanha contra o ensino religioso é a Maçonaria", em apoio à escola única dirigida pelo Estado leigo.

A Revolução de 30 representou a quebra da continuidade política do <sup>regime,</sup> ~~país~~ ao mesmo tempo que "uma <sup>a</sup> onda de demagogia se lançava sobre o país delirante ou desacordado". Fruto disso é o que se dá com "todos esses estadistas ou pensadores improvisados, que lançam entre nós uma legislação do trabalho elaborada por comunistas, ou chefiam campanhas de fanatismo laicista, como essa das ridículas, mas dissolventes, "Ligas pró-Estado leigo". Surgiram essas Ligas, esclareça-se, em protesto contra o Decreto governamental que tornara facultativo o ensino religioso nas escolas, criando, na própria linguagem de Alceu, "uma nova estrada franca do realismo cristão de 1931", contra "o caminho velho do laicismo positivista de 1891".

O liberalismo democrático, leigo e sem finalidade espiritual, baseado no sufrágio universal, "representa a marcha acelerada para o socialismo que inconscientemente se processa nas sociedades de base individualista". E indagava, aflito: "Será que não se veja o processo de socialização integral que está penetrando o corpo social e preparando-o para o triunfo completo do socialismo?" É preciso optar "entre a indústria socializada e a indústria humanizada, baseada na supressão da propriedade particular ou na permanência desta". Neste em outros aspectos é que o socialismo se contrapõe ao cristianismo, como solução para a sociedade burguesa decadente, pois em ambos "o ideal de justiça econômica é o mesmo".

presente uma nota de moderação contra a violência e a perseguição política.  
"Se quisermos, portanto, evitar o comunismo, não é prendendo agitadores  
ou queimando brochuras de propaganda, que o conseguiremos. Só podemos a-  
gir com eficácia, trabalhando nas raízes do mal, melhorando as condições  
do trabalho, desurbanizando as indústrias", além de outras medidas que  
indica, já aqui referidas quando da exposição do seu distributismo. É pre-  
ciso espiritalizar o Estado, repondo a vida da sociedade sobre os funda-  
mentos da verdadeira ordem integral. Esta a tarefa suprema da Igreja na-  
quela hora, na sua obra incessante de sobrenaturalizar as civilizações.  
"Ela ajudará a morrer a civilização liberal e tudo fará por impedir que  
o Anticristo recolha a sua herança".

De passagem, quase ao fim do volume, não deixa <sup>de</sup> se referir  
ao "incrível discurso de paraninfo aos banharelandos <sup>de</sup> 1931" do sr. Cas-  
tro Rebelo, mantendo-o sob mira para novas declarações futuras. <sup>(19)</sup> E vale  
ainda a referência de textos de Alceu daquele período, no qual - como ele  
mesmo confessou em 1973 - considerava a Igreja como colocada à direita,  
e direita bem radical, dizemos nós. Eis os textos: "E assim é que regis-  
tramos, passo a passo, a preocupação dos católicos, logo após a Revolução,  
de agir sobre ela no sentido de afastá-la das esquerdas extremistas, que  
a queriam absorver"... "O Estado individualista falhou. E se não quisermos  
cair no Estado coletivista, que é a sua consequência natural, temos de en-  
veredar pelo Estado ético-corporativo"..... "A Maçonaria, o Judaísmo, o  
Espiritismo, o Protestantismo e o Comunismo, são de momento, e de sempre  
os adversários declarados e sistemáticos com que temos de contar".... "O  
eleitor católico tem o dever de ser mais consciente que outro qualquer.  
O esclarecimento que a LEC lhe fornece de que pode, em consciência, votar  
em todos os candidatos que aceitem o seu programa é um ponto mínimo de  
apoio que não supre a sua faculdade de seleção".



E depois, descendo mais fundo no plano concreto da política repressora, com seu aplauso e denúncias pessoais, tudo muito longe do seu nível normal de pensamento e elevação doutrinária, como vimos no infame ensaio. Congratulando-se com a nova Lei de Segurança Nacional, de 4 de abril de 1935: "A "consolidação do Governo" se manifestou principalmente por dois fatos: a eliminação do "tenentismo" e a votação da Lei de Segurança". .... "Quanto à Lei de Segurança e à atitude que vem, ultimamente, assumindo o Governo, em defesa do regime e da ordem pública, são provas evidentes de energia serena e de consciência do dever, ~~de~~ <sup>que</sup> muito não de concorrer para a consolidação da ordem constitucional". Em outro <sup>techo</sup> denuncia "as mais inequívocas declarações de fé marxista de professores como os Srs. Joaquim Pimenta, Leonidas de Rezende, Hermes Lima, etc., etc." Para ele também, àquele tempo, a pedagogia dos Srs. Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo era "pró-~~pol~~ <sup>pol</sup> <sup>(20)</sup> ~~ética~~". / Recorde-se somente que deixaram bem mais tarde, na década de 60, ~~xixxxx~~ Alceu e Anísio de ser reconduzidos <sup>no</sup> <sup>no</sup> Conselho Federal de Educação pela mesma acusação: subversivos ambos...

Referindo-se ao Barão do Rio Branco, de quem discordava no momento, dizia Rui Barbosa na conferência da sua campanha presidencial de 17 de fevereiro de 1910: "Amicus Plato, sed magis amica veritas. No culto dos grandes homens não pode entrar a adulação". .... "A verdade que a todos se deve, sobre todos a devemos aos homens superiores". E linhas abaixo: "Das minhas homenagens ao ilustre brasileiro não retiro nenhuma". ~~baixo: xxxxxxxx~~ (21)

Nem nós retiramos nenhuma das nossas homenagens a Alceu Amoroso Lima. Vindo do liberalismo, <sup>meio</sup> mergulhou no autoritarismo, para ressurgir dez anos mais tarde no que ele próprio chamou de libertarismo. Por isso mesmo foi maior, muito maior, o seu mérito, que é o de ter estado à altura dos novos tempos. Encontra-se, de resto, nas suas ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ Memórias a mais franca, honesta e nobilitante confissão a este respeito, que merece ser transcrita na íntegra: "Jackson de Figueiredo, no entanto, viria a exercer uma ação póstuma sobre mim. Com a morte dele completar-se-ia a sua in-

fluência. Morto, terminaria me vencendo ao menos por um tempo. Isto aconteceu quando fui convidado para substituí-lo na direção do Centro Dom Vital. O sentimento da responsabilidade, a tradição deixada por ele, a presença dos amigos comuns me empolgaram. A partir daí caminhei numa outra direção, passando do liberalismo anterior para uma posição ortodoxamente autoritária, baseada no sentimento da disciplina e da ordem. Fui tomada da convicção de que o Catolicismo era uma posição de direita. Esta crença ficou em mim durante muitos anos. Quando terminou a Guerra da Espanha, festejei a vitória de Franco, que para mim representava a vitória da Igreja. Os meus artigos sobre o Integralismo datam dessa época. Achava que o Integralismo era uma reação política nacional, de caráter unitário e autoritário, contra a fraqueza do Estado, o regionalismo e a luta de classes, em favor do Estado forte, de unidade nacional e da reforma corporativa da economia. Daí haver escrito diante da agitação que se processava no país, com o aparecimento de uma forte corrente esquerdizante, expressa pelo movimento da Aliança Nacional Libertadora, liderada por Luiz Carlos Prestes: "É o Integralismo o reflexo brasileiro da grande e sadia reação nacionalista que partiu da Itália e se estendeu a vários países da Europa e até ao Novo Mundo (pois o New Deal é uma forma norte-americana de fascismo), contra o suicídio do Ocidente pelo ceticismo liberal e pelo individualismo democrático-burguês".

E prossegue Alceu: "Esta era realmente a minha posição à época, uma posição marcadamente de direita, antiliberal, ortodoxamente autoritária. Viria depois a reconhecer o equívoco. Através de Bernanos, então vivendo no Brasil, de Chesterton e de Maritain, com o seu Humanismo Integral (1936), iria evoluir numa direção que é a de hoje. Certa vez li um artigo cujo título sugestivo me chamou a atenção: Dieu est-il à droite?, publicado na revista La Vie Intellectuelle. Era assinado por um padre francês, P. Congar, O.P., professor da Faculdade de Filosofia dos Dominicanos em Paris. Posso dizer que foi a leitura deste artigo que me a-

briu os olhos. Compreendi, finalmente, que a Igreja está fora e acima das posições intermediárias. O clericalismo, o autoritarismo e o tradicionalismo são deformações psicológicas, políticas e até religiosas, que acompanham muitas vezes os mais puros e respeitáveis sentimentos piedosos. É o caso do integrismo, cujos adeptos estão convencidos de que a Igreja está à direita.

ix A partir de 1938 fiz uma revisão dentro de mim mesmo e voltei politicamente ao que era antes da conversão. Ficou do meu convívio com Jackson a influência religiosa, a fé católica, a crença de que Deus é o princípio e o fim de todas as coisas, e a lembrança de uma personalidade humana impressionante. Mas me libertei de suas concepções políticas. Cheguei à convicção de que a Igreja antes de ser uma defesa da autoridade, uma defesa da liberdade e da justiça". (22)

Estas palavras, tão claras e sinceras, dispensam qualquer comentário, além de aplauso e admiração. (e sempre,

6. Por todos os títulos, desavindo com o espírito burguês ainda no seu período mais à direita, nunca deixou Alceu, como vimos, de conectar as condições econômicas e sociais dos trabalhadores no regime capitalista. Sempre lhe pareceu fatal a separação entre o capital e o trabalho, com o reconhecimento imposto pela burguesia do primado do primeiro. Concordava com o diagnóstico do socialismo quanto aos vícios e erros do liberalismo econômico. Até aí eram convergentes as suas direções, mas a polêmica começava quando se tratava de fazer o diagnóstico e oferecer a terapêutica. Aí, sem dúvida, o fascismo se apresentava ~~lhes~~ menos nocivo do que o bolchevismo, mais ainda, até lhe parecia mais útil e necessário ao que chamava a espiritualização e a moralização da economia, sem negar Deus frontalmente, sem expulsá-lo da vida humana, ~~com o~~

Voltado, depois da grande liebração, para as Encíclicas papais, foi Alceu meditando mais serena e maduramente sobre os mesmos problemas, da mesma sociedade capitalista, que lhe haviam passado sob os olhos. Do ponto de vista estritamente social e econômico, manteve a mesma

posição reformista - haja vista o seu distributivismo de 1927, mas já agora sem os sapatos de ferro do tradicionalismo nem do reacionarismo: a Igreja não está nem à direita, nem à esquerda, está fora e acima dessas posições, mas denuncia a miséria, a exploração do homem pelo homem, o espírito burguês meramente econômico e individualista, e exige melhor qualidade de vida para todos, com participação, senão igual, pelo menos equitativa nos bens da vida.

No seu primeiro grande livro de após-guerra, são retomados e aperfeiçoados os seus pontos-de-vista de antes de 1928. No prefácio datado de 16 de fevereiro de 1946, lêem-se coisas como esta: "Escrito de um só jato, em quinze dias, não aspira este estudo nem à beleza literária, nem à concisão científica. Será quando muito um grito de desabafo. São as mesmas coisas que volta <sup>já</sup> todo o tempo. São os mesmos erros que se condenam a cada passo. São os mesmos remédios que tornam sem cessar. Não há nele novidade alguma. Não há preocupação de outra ordem que não seja ser fiel a um pensamento profundo, a um sentimento irresistível que vem do horizonte de muitos anos <sup>já</sup> ultrapassados. A obsessão da miséria. A visão das favelas. O contato diário com as mãos calosas, as faces macilentas, os pés descalços, as roupas em pedaços, as crianças desnudadas, as multidões madrugadoras, as palhoças enegrecidas, os trens superlotados dos subúrbios, a comida incomível das marmitas, toda a sombra trágica que acompanha, no Rio de nossos dias, o espetáculo de luxo e de grandeza dos arranha-céus que se multiplicam, dos automóveis suntuosos que enchem as ruas, dos teatros e das praias, das jóias e das peles, dos cassinos e dos palaces, de tudo o que o luxo cosmopolita ou nacionalista exhibe nas avenidas suntuosas da cidade ou nas ruas tranqüilas dos bairros residenciais favorecidos". (23)

A linguagem é outra, ~~mas~~ <sup>pela</sup> envolvida ~~na~~ <sup>na</sup> caridade como recomen

da o parágrafo 118 da Quadragesimo anno (1931), do Papa Pio XI, como o verdadeiro vínculo da perfeição, além e complementar da própria justiça.

Enganam-se, diz Pio XI, os reformadores imprudentes que cuidam somente da justiça comutativa. Não basta extinguir as causas dos conflitos sociais, pois se faz necessário unir os corações e estreitar as ~~vontades~~ <sup>vontades</sup>. E mais: "Um entendimento verdadeiro entre todos para um mesmo bem comum não poderá, pois, obter-se de outra forma, senão quando todas as partes que compõem a sociedade sintam ser membros comuns duma só grande família e filhos dum mesmo Pai celeste, ainda mais sintam ser um só corpo em Jesus Cristo e membros uns dos outros, de sorte que, se um sofre, todos sofram com ele".

É justamente contra o espírito burguês que Alceu vai invocar a justiça social, que está precisamente na linha do princípio da socialização. A primazia do bem comum, completa, aplicado ao trabalho representa um elemento essencial na revolução social que estamos vivendo. Já agora considera superado o problema da burguesia, já agora desistiu de salvá-la, abandona o passado e cuida unicamente do futuro, da sociedade futura que há de vir: "A função maior do cristianismo social não é restaurar ou apoiar o capitalismo. Nem se aliar ao socialismo, como animador da sociedade nova. Sua função atual é trazer ao socialismo o que falta: ~~lhe falta~~ uma filosofia verdadeira da vida. É tentar cristianizá-lo com tentou, sem êxito, cristianizar o capitalismo". (24)

Daí para diante, em tudo o mais que veio a escrever, Alceu aparece libertado inteiramente ~~do~~ <sup>do</sup> espírito burguês, que o atormentou até 1938, pelo menos. O seu propósito, no fundo, continuou sempre o mesmo: cristianizar a vida econômica, mas já agora na nova sociedade que está surgindo, que há de surgir, e não mais na sociedade burguesa, dada como perdida por seus próprios erros e por seus próprios abusos. E isso não constitui nenhuma utopia, porque Alceu bem sabe onde encontrá-la e onde ela se encontra localizada. Será uma sociedade ~~na qual~~ <sup>na qual</sup> reinarão a justiça, a comunhão e o bem comum, e por isso mesmo não será burguesa.

*Diário 2/8/13*

*Alceu de C.F.*

*X*  
*segundo o*  
*primado do*  
*Rebelião*

1 - AAL, Memórias improvisadas (Diálogos com Medeiros Lima), Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1973, p. 120.

2 - AAL, ob. cit., p. 118.

3 - Jackson de Figueiredo, Correspondência, Livraria Agir Editora, 3a. ed., Rio, 1946 (a 1a. é de 1938), p. 221. -II-789

Na introdução ao volume, escreve José Barreto Filho, p. 30: "Leontieff, nos meados do século passado, afirmava que era preciso "congelar" a Rússia, para que ela não apodrecesse. É esse o sentido mais imediato da rigidez com que o Jackson reclamava que se imobilizasse o Brasil, fortificando o princípio de autoridade, contra a paixão revolucionária que pululava no seu seio".

4 - AAL, Problema da burguesia, Schmidt, Rio, 1932, passim esp. xxx pp. 113 e 44.

5 - AAL, Problema, cit., p. 112.

5\* - Não deve ser esquecido que Plínio Salgado é também autor de Espírito da burguesia, cuja 2a. ed., da Livraria Clássica Brasileira, Rio de Janeiro, é de 1951.

6 - AAL, Problema, cit., pp. 185/187, 205 e segs.

7 - AAL, Problema, cit., pp. 241/242.

8 - J. de Figueiredo, Correspondência, cit., pp. 93/97.

9 - Jackson fez a campanha presidencial de Bernardes, apoiou-lhe os atos autoritários, foi seu amigo pessoal, frequentou-lhe o palácio, dele discordando, vez por outra, como no caso das prisões dos anarquistas Fábio Luz e José Oiticica. Em carta de 6 de outubro de 1927, dizia-se um absurdo, um incrível poço de insatisfação e melancolia, e a seguir: "Creia, Alceu, eu sou por temperamento um anarquista ou um barão da baixa feudalidade".

Sobre a campanha presidencial pró-Bernardes e as suas idéias políticas à época: A reação do bom-senso (Contra o demagogismo e a anarquia militar), Edição do Anuário do Brasil, Rio, 1922; A coluna de fogo, Edição do Centro D. Vital, Rio, 1925.

Em carta a Afrânio Peixoto, de 26 de março de 1920, escrevia Jackson: "V. não avalia como me sinto soldado de polícia em tempo de greve. Hoje andei com vontade de botar na cadeia a Constituição brasileira, que é o mais nefando entre oitentaenovelesco em que se quis apodrecer um povo. Pois será possível que esta gente não veja que nós precisamos de um executivo, pelo menos, com dez anos ~~garantidos~~ garantidos?"

10 - AAL, Problema, cit., pp. <sup>97,</sup> 112/113, 138, 157, 181, 186, 199.

ção Brasileira S.A., Rio, 1933, pp. 137, 139, 148, 236 e 229, 236.

Nesta 2a. edição, Alceu tirou o "genial" que antecede o nome de Marx, que se encontra na 1a. edição, p. 295.

12 - AAL, Preparação à Sociologia, 2a. ed. (a 1a. é do mesmo ano), Schmidt, editor, Rio, 1931, pp. 152, 153 e 245.

As três normas gerais que dominam a economia finalista (cristã) são: proibição da usura, salário justo e justo preço.

13 - L. de Rezende, A formação do capital e seu desenvolvimento, Guimarães Mota e Cia., Rio, s./d. (mas é de 1932), pp. 5, 14, 15/18, 21, 404, 409, 414, 437/438.

Eis as conclusões que, mesmo àquela época, Leônidas tirava das afirmativas de Alceu: "Logo, o sr. Tristão de Ataíde afirma: a) que a crítica de Marx ao capital é genial; b) que o capitalismo vai criar do em torno de si, não a prosperidade crescente, mas a miséria disseminada; c) que ele aboliu praticamente a propriedade, e não pode haver melhor confissão do seu completo fracasso; d) que são evidentes os sinais de decadência da burguesia; e) que estamos em face de uma transição dramática da história".

14 - J. de Figueiredo, Correspondência, cit., p. 104.

15 - AAL, Preparação, cit., pp. 244 e 245.

16 - AAL, Estudos, 2a. série, 2a. ed. (a 1a. é de 1928), Civilização Brasileira S.A., Rio, 1934, pp. 229 e segs.

17 - AAL, Memórias, cit., p. 115.

18 - AAL, Contra-revolução espiritual, Spinola & Fusco, editores, Cataguazes, 1932. A Razão, que se editava em S. Paulo, tinha Flínio Salgado como seu redator-chefe.

19 - Todas essas referências são do livro da nota anterior passim.

20 - AAL, Indicações políticas. Da Revolução à Constituição, Civilização Brasileira S.A., Rio, 1936, passim.

21 - R. Barbosa, Excursão eleitoral aos Estados da Bahia e Minas Gerais, ~~XXXXXXXXXXXX~~ Manifestos à Nação, Casa Garraux, São Paulo pp. 120/121.

22 - AAL. Memórias, cit., pp. 120/121.

23 - AAL, O problema do trabalho (Ensaio de filosofia econômica), Livraria Agir Editora, Rio, 1947, p. 11.

24 - AAL, O problema do trabalho, cit., p.195.